

Mulher e Sexualidade: o desejo da continuidade **3**

Maria Alves de Toledo Bruns¹
Maria Virgínia F. C. Grassi²

RESUMO

BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. F. C. Mulher e sexualidade: o desejo da continuidade. *R. B. S. H.* 4(1): 1993.

O objetivo desta pesquisa foi desvelar o que está oculto na sexualidade de algumas jovens mulheres que almejavam a sua realização pessoal e profissional. Buscando compreender o fenômeno da sexualidade em sua essência, analisamos os discursos ingênuos dessas mulheres sob uma perspectiva fenomenológica. As convergências evidenciaram aspectos como a busca da amizade, da continuidade do envolvimento e da intimidade. A relação sexual e o prazer têm sentido se permeados pela emoção erótica contínua que suscita uma memória e a promessa de um renascer de uma intimidade idílica.

Unitermos: sexualidade feminina, erotismo, continuidade do prazer, existencial ontológico.

RESUMEN

BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. f. C. Mujer y sexualidad: el deseo de la continuidad. *R. B. S. H.* 4(1): 1993.

Los objetivos de esta pesquisa fueron desvelar te que esta oculto en la sexualidad de algunas mujeres jóvenes, que anhelaban su realuación personal y profe-

1. Doutora em Psicologia Educacional - Departamento de Micologia e Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e letras de Ribeirão Preto - USP.

2. Psicóloga com bolsa de aperfeiçoamento - CNPq.

Recebido em 18.03.93

Aprovado em 10.04.93

sional. Buscando comprender el fenómeno de la sexualidad en su esencia, analizamos los discursos ingenuos de esas jóvenes bajo una perspectiva fenomenológica. Las convergencias demostraron aspectos como la búsqueda de la amistad, de la continuidad del involucimiento y de la intimidad. La relación sexual y el placer tienen sentido si envueltos por la emoción erótica continuada que suscita una memoria y la promesa del renacer de una intimidad.

Unitermos: Sexualidad femenina, erotismo, continuación del placer, existencial-ontológico.

SUMMARY

BRUNS, M. A. T.; GRASSI, M. V. P. C. Woman and sexuality - the desire for continuity. R. B. S. H. 4(I): 1993.

The objective of this research was to unveil that which is occult in the sexuality of young women ardently desiring personal and professional realization. Attempting to understand the sexuality phenomenon in its essence, the ingenuous discourses of these women were analyzed under a phenomenological perspective. The convergences evidenced aspects such as the search for friendship and the continuity of involvement and intimacy. The sexual relation and its pleasure has meaning if permeated by continuous erotic emotion that touches the memory and promises a rebirth of intimacy in ecstasy.

Key words: Feminine sexuality, erotism, continuity of pleasure, existential-ontological.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa vem ao encontro de uma indagação que há muito nos inquieta e esta inquietação nos levou a querer compreender o que é isto, a sexualidade?

No conviver cotidiano com outras mulheres, onde vivências e experiências são trocadas, começamos a voltar nossa atento para o que elas buscavam em seus relacionamentos afetivo-sexuais. Aí pareciam se situar as mais profundas emoções que vivenciamos em nosso mundo-vida: insatisfações, alegrias, prazeres, medos, sonhos... pareciam permear uma busca irrequieta e fascinante dessas mulheres.

Tentar compreender esta sexualidade em sua essência, no modo como ela se mostra por intermédio do discurso ingênuo de algumas mulheres, tornou-se nosso propósito, ou seja, caminhar ao encontro da estrutura deste fenômeno, tomando por base as descrições dos sujeitos, do seu mundo real vivido. Comprometemo-nos, assim, a desvelar o mais signi-

ficativo de alguns aspectos do fenômeno sexualidade feminina, sendo o discurso o seu fundamento ontológico-existencial.

Segundo Heidegger (1964:199), “o discurso tem o mesmo nível existencial de origem que o sentimento da situação e a compreensão” daí ser através dele nosso acesso à realidade vivenciada dos sujeitos. Realidade esta factual, que surge para a consciência, intencionalmente, no momento em que o sujeito a vivencia, situando-a enquanto um fenômeno existencial.

Ao nos referirmos à sexualidade, não estaremos descrevendo um estado, ou fato, mas um processo que nos levará a interrogar sempre, pois a compreensão do fenômeno não se esgota nunca.

Esta descrição caminhará com rigor para que, por meio dela, cheguemos à essência do interrogado. Nossa trajetória metodológica será a fenomenologia, enquanto instrumento que nos possibilita a “investigação direta e a descrição de fenômenos que são experienciados conscientemente” (Bicudo, 1992:4).

A partir disso, permitimos que aquela inquietação nos guiasse, nesta pesquisa, em busca de uma compreensão do fenômeno sexualidade feminina.

PRÉ-REFLEXIVO

Nosso pré-reflexivo, nesta pesquisa, iniciou-se com a necessidade de desvelar o que está oculto na sexualidade de algumas jovens mulheres que buscavam sua realização pessoal e profissional. Para isto, despojamo-nos dos paradigmas teóricos de análise, não nos subtraindo enquanto pesquisadoras, mas voltando-nos para um compreender pré-reflexivo do estudado, isto é, partimos “de um nível pré-redexivo que se torna reflexivo à medida que toma consciência e vai chegando a uma inteligibilidade do fenômeno” (Machado, 1992:23).

Em nosso estudo pré-redexivo, alguns autores nos mostraram diferentes visões deste vasto horizonte, a sexualidade.

Foucault (1984:11) nos diz que, para compreender de que forma o homem moderno podia fazer a experiência de si mesmo “enquanto sujeito de uma sexualidade, seria indispensável distinguir previamente a maneira pela qual, durante séculos, o homem ocidental fora levado a se reconhecer como sujeito de desejo”. Em seu livro é focalizado de que maneira, na Antiguidade, o sexo foi sendo problematizado, criando assim uma “estética de existência”, e essa problematização da atividade sexual foi constituída como campo moral, como uma insistência em seu cuidado ético.

Sob um prisma psicológico, os instintos são problematizados e desviados de seus objetivos e anseios pela cultura que não pode consentir com a gratificação imediata. A civilização se inicia quando o objetivo primário - satisfação integral de necessidades - é abandonado. É desta forma que Marcuse (1969) se refere à civilização repressiva em seu ensaio. Lane (1981) refere-se à determinação de papéis e da nossa identidade social através das condições sociais provenientes da produção da vida material. A repressão se coloca a serviço do trabalho “produtivo” e nos passa a imagem de que apenas os indivíduos com labor produtivo são socialmente valorizáveis. Chauí (1984) também transcorre sobre a repressão trazendonos à luz de que maneira os valores morais permeiam nossos relacionamentos e nosso modo de expressão no mundo, e esses valores são muito mais rígidos e estratificados para as mulheres desde a muito tempo.

Na Antigüidade, as mulheres só aparecem a título de objetos ou, no máximo, como parceiras que os homens tinham sob seu poder (Foucault, 1984). Há milênios que as relações sociais de poder e as divisões de tarefas se somam à dominação do feminino pelo masculino. A sexualidade feminina há muito é prisioneira dos limites sociais em que se desenrola a vida da mulher (esfera privada). Desta forma, segundo Alberoni (1988), a mulher, fechada na unidade doméstica, necessitaria do apoio emocional do homem. O erotismo feminino se apresentaria mais tátil, auditivo, muscular, tendo necessidade contínua de ternura, carícias e, por isso, busca os atos que significam continuidade e compreensão amorosa, íntima.

Neste prisma, há uma estrutura temporal diversa nos dois sexos: “Há uma preferência profunda do masculino pelo descontínuo e uma preferência profunda do feminino pelo contínuo” (Alberoni, 1988:24). Para Beauvoir (1980), a necessidade de continuidade da mulher é devido à condição de passividade ao qual é socialmente sujeita ao longo da história.

Muitas modificações ocorreram, nestas últimas décadas, para as mulheres no sentido de reelaborarem antigos valores morais e sexuais, tentando modificar ou sobrepujar as repressões de muitos anos de história. Principalmente nos anos 60, com o advento da pílula anticoncepcional, as mulheres começaram a tomar também, como seu, um prazer que há muito tempo fora domínio dos homens: o sexual. Junto com as mudanças de atitude, vieram as mudanças no modo de pensar, sentir, ser. E hoje, como está a mulher sexualmente? O que elas esperam? O que tem sido mais significativo em seus relacionamentos?

Nesta pesquisa, propusemo-nos ir ao encontro deste erotismo feminino como ele se apresenta e, colocando-nos frente aos depoimentos e a essa temporalidade, nos indagamos: o que é isto, a sexualidade feminina?

Nossa busca nos lançou num indagar muito profundo, primitivo, e muito rico no fascinante templo da sexualidade feminina.

UMA BUSCA...

A expressão livre e solta da sexualidade parece ter sempre sido condenável como atividade humana saudável e benéfica. Há muito tempo o homem tem receio desta força incrivelmente poderosa que o toma à razão e o transporta a um mundo de fantasias e desejos. A energia sexual mostra-se capaz de levar o homem às maiores “atrocidades” para o que é considerado “normal” e a maior das dádivas, gerando a própria vida pela procriação.

Na história da Humanidade, segundo Foucault (1977), a origem da Idade da Repressão, no século XVII, coincide com o desenvolvimemo do capitalismo. A sexualidade em sua expressão prazerosa passa a sex reprimida com todo o vigor, por ser incompatível com uma colocação no trabalho. Na época de exploração da força de trabalho, não se poderia tolerar que ela se dissipasse nos prazeres, que não os minimizados para a reprodução.

A sexualidade aparece enquanto verdade do sexo e dos seus prazeres a partir do século XVIII em que, pouco a pouco, a confissão erótica obrigatória e exaustiva foi sendo desvinculada do sacramento da penitência e emigrou para pedagogia, a medicina e a psiquiatria. O discurso científico, a partir do século XIX, tentou ajustar regras para produzir verdades sobre o sexo e passou a defini-lo como sendo de um *domínio* penetrável por processos patológicos, solicitando intervenções terapêuticas ou de normalização. O Ocidente conseguiu, assim, anexar o sexo a um campo de racionalidade e colocar-nos, inteiros, sob o signo de uma lógica do desejo. A história da sexualidade, que data desde esta época, deve ser feita, antes de mais nada, como uma história dos discursos, pois a sexualidade passa do nível existencial a um nível racional em que é expressada discursivamente a fim de esclarecê-la, decifrá-la enquanto produção da verdade sexual.

E isto parece se configurar até nossos dias em que a “razão científica” e seu discurso produzem muito sobre sexo em termos de técnicas e métodos que garantem o desempenho sexual. Conteúdo, o que nos parece é que, em prol de um prazer genitalizado, o corpo *todo* continua sendo dicotomizado como numa psicofísica “descartiniana” mais elaborada. A ciência, neste momento da história, auxilia a deserrotização do corpo, preconizada pela produção capitalista, ao conceituar sexualidade adulta como sendo busca do prazer genital. Toda a energia da vida, enquanto libido, é

assim subjugada pelo princípio da realidade que submete os instintos parciais do sexo à primazia da genitalidade e à função procriadora (Marcuse, 1969). Assim, continuamos falando muito mais do sexo e do sua energia do que sentindo ou vivenciando-a em nossos dias. Falar de sentimentos e emoções tornou-se tarefa difícil, pois muitas vezes nem nos permitimos vivenciá-las de forma integral, completa. Não aprendemos nem mesmo a nos enxergarmos completos, com um corpo que expressa toda nossa existência, e, assim, a nos realizarmos enquanto ser no mundo.

Optamos por interrogar sentimentos e buscas, e não desempenhos, por considerarmos que é aí, no discurso livre e ingênuo dos sentidos, que reside o que há de mais profundo: o santuário amoral da sexualidade de cada um de nós.

TRAJETÓRIA FENOMENOLÓGICA

A fenomenologia é entendida como um pensar filosófico, voltado para a compreensão e a interpretação do mundo, e é entendida, enquanto metodologia de pesquisa, como modo de abordar o fenômeno. Fenômeno é tudo que se mostra, se manifesta, surge para uma consciência que o interroga.

Nessa perspectiva, os acontecimentos, o mundo não existem “em si mesmos”, como se fossem realidades objetivas e neutras, mas sim para uma consciência, para um ser que lhe atribui significados, os quais envolvem a percepção que a pessoa possui de si mesma, de sua relação com os outros humanos e com o mundo, num determinado momento de seu tempo vivido.

Assim, a consciência humana em sua existência concreta é finita, temporal e histórica, e dirige-se intencionalmente sobre o mundo numa relação dialética. Desse modo, a fenomenologia possibilita ao pesquisador o acesso a essa consciência, isto é, a “volta às coisas, mesmas”, às essências, o que significa chegar à realidade desprovida do estereótipos, estigmas, ou seja, abandonar os preconceitos e pressupostos em relação ao fenômeno interrogado.

É nesse sentido que Husserl (1945) define a fenomenologia como a “ciência dos fenômenos”, isto é, daquilo que é imediatamente dado em si mesmo, à experiência da consciência, procurando desvendá-lo, explicitá-lo para poder compreendê-lo. Isto se opõe à orientação formal utilizada pelo método experimental que, por se dirigir para os atos do medir, classificar, mensurar, vem se afastando da possibilidade de compreender, de desvendar a própria essência do ser.

Sendo assim, este estudo não busca uma normatividade tão comum à pesquisa quantitativa. Buscamos a essência do fenômeno sexualidade, vivenciado por jovens que tem, em comum, menos de 25 anos de tempo vivido; voluntárias universitárias da USP, campus de Ribeirão Preto, as quais se dispuseram a falar sobre a questão: “Descreva o que foi e o que vem sendo mais significativo em seus relacionamentos afetivos-sexuais”. Esses relatos foram gravados e submetidos aos próximos momentos da análise, intencionando explicitar o que está oculto nos discursos ingênuos.

MOMENTOS DA TRAJETÓRIA

- Leitura das entrevistas do princípio ao fim com o intuito de apreendermos o sentido e o significado do discurso numa perspectiva global.
- Releitura dos discursos visando discriminar as “unidades de significado” numa perspectiva psicológica, focalizando o fenômeno estudado. Tais unidades ocorrem sempre que o pesquisador percebe uma mudança psicológica e sensível de significado da situação para o sujeito. Isto quer dizer que, na pesquisa qualitativa, a realidade psicológica não está pronta, ela é construída pelo pesquisador no decorrer da análise.
- Após a obtenção das unidades de significado, buscamos as convergências entre as unidades identificadas e expressamos o significado contido nelas (análise ideográfica).
- Síntese de todas as unidades e integração dos *insights* contidos nelas transformadas em uma descrição consistente da estrutura situada do fenômeno, ou seja, nesse momento, obtêm-se a essência do fenômeno interrogado (análise nomotética).

ANÁLISE IDEOGRÁFICA: AS UNIDADES DE SIGNIFICADO

Sujeito 1

Unidade de Significado 1

“Bom, eu acho que o que foi mais significativo em meus relacionamentos foi a amizade. Essa coisa de conversar, de saber o que está se passando, ter com quem contar”.

“(…) pro relacionamento sexual ser bom, é a gente conseguir transmitir as coisas que a gente sente, que a gente tem pra outra pessoa, porque eu acho que é tudo, o sexo é uma entrega”.

Compreensão da unidade de significado 1

O significado dos relacionamentos afetivos foi marcadamente filtrado pela amizade. Alberoni (1989) nos diz que “intuitivamente essa palavra nos traz à mente um sentimento sereno, límpido, feito de confiança, de familiaridade”, sendo amigo aquela pessoa capaz de acolher nossos sentimentos mais profundos e assim nos tornarmos especiais e queridos. Esse laço afetivo parece nos revelar algo que nos transcende e que nos dá a sensação de sermos melhores para o mundo. A transcendência da amizade, aqui, é vista na intimidade do contato sexual enquanto vislumbramento do todo no momento de entrega.

Unidade de Significado 2

“Pra mim, é superimportante o relacionamento sexual ser supercarinhoso, acho que eu sou meio romântica mesmo”.

“Eu acho que tem que ter o afetivo, sem o afetivo, fica super... eu acho que não tem sentido real, sabe, fica uma coisa muito sexo por sexo, eu acho que não vale a pena, tem que ter o envolvimento afetivo primeiro”.

Compreensão da unidade de significado 2

O aspecto carinhoso mostra-se como crucial para o momento de entrega sexual. A ternura e a doçura inserem-se no erotismo. Ao apreciar os carinhos, o afeto, é desnudada a necessidade de intimidade, de repartir a atenção amorosa contínua que assegura laços e que dá um sentido real a essa entrega. O “sexo por sexo” é desvalorizado, pois parece carregar em si o fim último do prazer (obsceno), sem a promessa de uma intenção continuada, de um afeto. O momento mágico de realização fica subjugado a breves instantes de prazer e isso não basta...

Unidade de Significado 3

“(...) eu acho que o que eu queria mesmo no momento, é ter, como diz todo mundo, um namorado, é estar namorando alguém, ter alguém pra sair, essa coisa assim: ‘Ah, hoje vamo no cinema, vamo não sei aonde’, ter alguém”.

Compreensão da unidade de significado 3

Quando queremos estudar comportamentos, é muito importante nos voltarmos às fontes primeiras de suas representações, como os ambos, enquanto “ricas fontes de *insights* psicológicos” (Johnson, 1987:6). C. G. Jung, ao estudar as bases da personalidade humana, deu atenção particular a eles e indentificou neles padrões psicológicos básicos. Psiquê reside em toda mulher enquanto sentimento de ser muito sozinha. Este dolorido estado de alma pode transformar a intocada experiência solitária em desejo de repartir, ter alguém, amar. A busca por alguém aparece aqui vinculada a padrões sociais de ter um namorado, enquanto representação ideal de completude. Namorar significa inserir num tempo continuo o desejo de ter alguém. É a imagem de Afrodite que “tende à fusão, à participação mistica com o homem” (Alberoni, 1988:26).

Sujeito 2

Unidade de Significado 1

“(...) foi aí a primeira vez que tive orgasmo, com ele, mas demorou um tempo que a gente transava, foi se conhecendo, eu fui percebendo mais meu corpo, a gente foi aprendendo, daí eu consegui sentir orgasmo”.

“Esse foi o marco principal da minha sexualidade”.

“Quanto mais eu sou assim, envolvida com a pessoa é muito melhor”.

Compreensão da unidade de significado 1

A sexualidade é o mais significativo discurso do corpo, pois é a expressão da totalidade do ser. O corpo, simbolizando a existência, é o que nos dá o referencial do que somos no mundo e de como o experienciamos. A experiência do prazer sexual (segundo observa Freud, o maior dos prazeres), dá um sentido íntimo ao ser, uma identidade própria, a realização do corpo enquanto existência.

O erotismo feminino se apresenta aqui enquanto necessidade da intimidade, de compreensão amorosa, de continuidade. A entrega é um abrir sucessivo de portas numa casa de muitos cômodos a isso dependerá dos encontros luminosos do erotismo contínuo onde o prazer e a ternura se abraçam divinamente. O envolvimento com o próprio corpo e com o corpo de outro abre portas para o esplendor do encontro com o prazer, o “marco principal da sexualidade”.

Unidade de Significado 2

“Mas assim, não foi uma coisa com a qual eu me sentisse bem, porque foram caras que eu conhecia numa noite, daí saía e transava, sem nenhum envolvimento emocional. Foi a partir daí que eu passei a ver que eu precisava pelo menos de um envolvimento mais profundo.”

Compreensão da unidade de significado 2

Envolvidas com atividades profissionais, ou mesmo emergidas no mundo do Logos (masculino), as mulheres tem tido muitas oportunidades e, economicamente, até mesmo obrigações de vivenciarem seu lado masculino, muitas vezes até assumindo essa postura racional. Em busca do si mesmas e do experiências, lançam-se no vivenciar da sexualidade descontínua e parecem poder aí ter a sensação do reagirem eroticamente diferente dos homens. Sexualidade e amor neste discurso inserem-se harmoniosamente no erotismo, sendo este último condição para a realização sexual plena: “eu precisava pelo menos de um envolvimento mais profundo”.

Unidade de Significado 3

“(…) a gente tá assim uns 2 meses juntos, mas não tem um envolvimento emocional muito profundo e eu acho que, não acho isso muito bom, às vezes eu queria uma coisa mais profunda, isso falta.”

Compreensão da unidade de significado 3

O envolvimento emocional, o estar enamorado, a intimidade fazem parte da necessidade de realização ideal dentro de um relacionamento,

“onde as emoções são luzes fulgurantes e o erotismo um canto altíssimo, um contato duradouro com o ideal e a essência última das coisas” (Alberoni, 1988:46).

Sujeito 3

Unidade de Significado 1

“O que concilia o afetivo com o sexual, você se unir a uma pessoa com todas as partes do ser, você... em todos os sentidos, de carinho, de amor, de tesão, de amizade, tudo em um relacionamento só, acho que aí seria perfeito. voce unir todas as características de uma coisa”.

“(...) eu acho que tem que estar tudo junto, tanto afetivo quanto sexual, a amizade e todo o resto”.

Compreensão da unidade de significado 1

O erotismo se realiza no registro da continuidade, no envolvimento afetivo. À inquietação, ao desejo ardente, ao choro, à emoção e à ansiedade insere-se a amizade, trazendo, ternamente, a confiança recíproca e limpando, do relacionamento, o mesquinho e o egoísmo da paixão. O ideal apresenta-se enquanto um todo indiferenciado, no qual os vários estados emotivos se fundem em devoção e uma única pessoa para realizar a mais sublimada das uniões: o entregar-se sexualmente.

ANÁLISE NOMOTÉTICA: AS CONVERGÊNCIAS DOS DISCURSOS

Segundo Foucault (1984), a história da sexualidade no mecanismo da repressão supõe duas rupturas. Uma delas acontece no decorrer do século XVII com o nascimento das grandes proibições, a valorização exclusiva da sexualidade adulta e matrimonial, os imperativos da decência, a esquivas obrigatórias do corpo, a contenção e os pudores imperativos da linguagem. A outra ocorre no século XX, no momento em que os mecanismos da repressão teriam começado a afrouxar; passou-se das interdições sexuais imperiosas a uma relativa tolerância a propósito das relações pré-nupciais ou extra-matrimoniais e eliminou-se, em grande parte, os tabus que pesavam sobre a sexualidade das crianças.

É a mulher do final do século XX - que, historicamente, passou pelas rupturas, revoluções e movimentos sociais que lhe asseguraram certa liberdade sexual-que questionamos o que é significativo em seus relacionamentos.

Algumas convergências se nos apresentaram de forma tão marcante que até as mesmas palavras são relatadas pelas nossas três entrevistadas.

Kundera (1984) nos diz que entre as pessoas deve haver muito mais semelhanças do que diferenças, e que é só na sexualidade que o milionésimo de diferença aparece como uma coisa preciosa, visto que não se oferece em público e que é preciso conquistar. Ainda que o trabalho da conquista hoje em dia tenha diminuído bastante, a sexualidade ainda é para nós o cofre onde se esconde o mistério do “eu” feminino.

Deste modo, a sexualidade feminina é relatada como misteriosa e preciosa. Algo a ser desvendado, descoberto, que habita o mais profundo da existência e que nos faz únicos diante da multiplicidade de originalidades insignificantes do mundo.

O mistério feminino reside mitologicamente em sua natureza anímica, voltada para a reflexão e para a introspecção. Johnson (1987) fala dos mitos enquanto ricas fontes do *insights* psicológicos que não são usualmente criados ou escritos por um ser individual, pois, na realidade, são produtos de uma imaginação coletiva, são experiências de toda uma era, de toda uma cultura. Eles descrevem níveis de realidade que incluem o mundo racional exterior, assim como o incompreensível mundo interior da psique de cada indivíduo.

Cavalcanti (1990) nos diz que, para compreender o espírito feminino, observamos a Lua e percebemos os seus mistérios. Penetramos num mundo mais obscuro, caprichoso, inconstante, inesperado. Ela se vela e não se revela totalmente. A Lua sugere potencialidades, estados da alma, humores e emoções, inspira os amantes, sugere a relação, o encontro, o amor e a busca pelo outro. A disponibilidade para o encontro, para a união última com o outro, é um dos aspectos do feminino.

É este aspecto da natureza feminina que se revela nas convergências dos discursos dos sujeitos. O aspecto carinhoso é desvelado como busca na realização amorosa. O desejo de continuidade é imperioso nos relacionamentos com o homem e se manifesta do vários modos: na busca da amizade, nos atos que significam interesse contínuo por sua pessoa (“sair juntos” - relato do sujeito 1), na busca da fusão de todos os aspectos do ser.

Esta busca da fusão é associada à imagem de Afrodite a qual se revela no desejo da participação mística com o homem que é um dos aspectos da natureza mitológica feminina. Este aspecto pode ser vislumbrado na mulher regida arquetipicamente pela Lua Cheia: “Ela se torna próxima daqueles com os quais estabelece um vínculo mais íntimo, um relaciona-

mento no qual ela possa mostrar as suas características de doação ao outro (Cavalcanti, 1990:62).

Quanto ao aspecto da busca da amizade, presente nos relatos como desejo de compreensão e de cumplicidade, podemos vislumbrar como os vários estados motivos são menos diferenciados nas mulheres do que no homem, ao trazerem elas para o relacionamento sexual todas as características dos relacionamentos humanos em geral a inserirem nele, harmoniosamente todas as emoções diversas que vivenciamos com o namorado, o amigo, o amante, o irmão, o pai, o filho. O outro, no momento de entrega sexual, guarda todas as características dos seres em potencial para acolher o que é extraordinário e grandioso da relação íntima que nos faz únicos. E para ser significativo, para o feminino, o encontro tem que ser mesmo assim: total, grandioso, único.

Kundera (1984:122), falando de seu personagem feminino Tereza, nos diz como ela não consegue entender a leveza e a futilidade alegre do amor físico: “Como gostaria de apreender a leveza! “. O amor físico para o feminino para o íntimo do feminino, parece perder seu Maior e comparado ao envolvimento afetivo mais intenso. Não que, para o homem, este último não tenha um valor, mas parece que, para a mulher, a importância do emocional anula o sentido do prazer físico com fim em si mesmo e, para o homem, são experiências diversas que não se anulam. As convergências apontam para este ponto, principalmente no depoimento do Sujeito 2. A busca pela relação sexual perde seu sentido em detrimento da busca pela emoção erótica contínua que traz uma memória e a promessa de um recomeçar de uma intimidade idílica.

É pela busca da emoção erótica que o interesse da mulher se afasta da pornografia que pernicia tanto as fantasias masculinas. A pornografia, segundo Alheroni (1988), ostenta um universo fabuloso no qual não se precisa seduzir para obter; o relacionamento sexual não é o término de uma espera de uma maturação, e os heróis estão isentos de dever de conquistar e de perder-se em prelúdios amorosos. É tudo pronto e instantâneo para a satisfação, para o prazer. Neste universo imaginário, não há lugar para nenhum sentimento, para nenhuma outra relação, não há troca, o desejo é sempre ardente e sempre satisfeito. A pornografia é a satisfação alucinatória dos desejos, das necessidades e aspirações, dos medos próprios deste século. É por corresponder a uma história interna que a pornografia sempre se mostrou como fruto promissor do mercado e da mídia.

A fala velada da sexualidade - permeada de repressão e de culpas, dignificada pelo discurso racional científico sem emoções - abriu uma brecha muito fértil, para ambos os sexos, para a eclosão oculta de outras formas de expressão desse desejo tão poderoso. O mercado capitalista percebeu o rico campo que aí se abria para a divulgação e a promoção do proibido. O que era abominado também era desejado ardentemente. Hoje

oferecem-se produtos para as mais diversas fantasias eróticas e pornográficas, apresentam-se produtos variados para as diferentes fantasias e dão-se conta dos compradores (telespectadores) masculinos e femininos, valendo-se de nossa escravidão da energia da libido reprimida.

A produção da verdade, Intimada pelo modelo científico, parece ter criado seus prazeres intrínsecos: o prazer da verdade do prazer, prazer de sabê-la, exibi-la, descobri-la, de fascinar-se ao vê-la, de confiá-la secretamente; o prazer específico do discurso verdadeiro do prazer, fomentado pela ciência do sexo. Muito mais do que um mecanismo negativo de exclusão ou rejeição, trata-se da colocação em funcionamento de uma rede sutil de saberes, prazeres e poderes (Foucault, 1977).

Escravos da monarquia do sexo, do que nos faz falar do sexo e de dedicamos a ele nossa atenção e preocupação, esquecemos de nos enxergarmos humanos nisso, e somos atingidos pelos mecanismos de poder da sexualidade burguesa e mercantilista. É por medo de nós mesmos e do que abrigamos no âmago que valorizamos, durante tantos anos, uma ciência positiva que não dá conta de nos explicar através de paradigmas teóricos. É pela busca, não sem receios, do que realmente somos que tentamos novos caminhos os quais nos possibilitem olhar, mais qualitativamente, o ontológico de cada um de nós e nos enxergar inteiros: corpo, emoção, razão e tudo que nos transcende.

Sob este prisma vemos a mulher hoje: mais ativamente participativa e também confusa com sua identidade e com seu verdadeiro papel no grande palco da vida. Palco que nos oferece possibilidades de realizarmos, enquanto humanos, as mais diversas divindades (arquétipos) e no qual os valores antigos entram em conflito com os novos. A estereotipia masculina exacerbada pode protegê-la mascaradamente do desconforto de ainda sentir-se dividida, insegura diante do que busca realmente. Contudo, sua natureza anímica sabe que não é este seu modelo e a lança em confronto com seus fantasmas internos. Desta forma, a mulher sexualmente independente, livre, pode se ver desejando ardentemente sua realização contínua dentro de um relacionamento que lhe assegure ser amada, valorizada, amparada e desejada.

Aí, há uma grande contradição nos estereótipos, vendidos externamente, de cada um de nós. A imagem externa de mulher competitiva, livre para optar por sua sexualidade, participando ativamente do Logos masculino na sociedade capitalista, guarda uma natureza mais subjetiva, mais relacionada com sentimentos do que com que as leis e os princípios do mundo externo. Harding diz que daí o conflito ser usualmente mais devastador para as mulheres do que para os homens: “Não é um problema de adaptação da mulher aos mundos do trabalho e do amor, esforçando-se para dar o mesmo peso a ambos os lados de sua natureza, mas uma questão

de adaptação aos princípios femininos e masculinos que interiormente governam o seu ser” (1985:35).

A mulher em busca de sua identidade real, de suas naturezas primitivas e potencialidade, tenta encontrar-se no mundo. O que acreditamos é que só dentro de si mesma, aliando-se aos seus princípios internos de direção e à sua globalidade, a mulher poderá descobrir o que canto busca no exterior. E, recolhendo para si a energia de tantas projeções, de tantos amores, de medos e potencialidades, poderá descobrir realmente o outro após ter se encontrado inteira. Poderá parecer meio antagônico, como mostra o discurso do Sujeito 3, mas, como ela mesma nos diz: “relacionamento é uma coisa que nós estamos aprendendo ainda”.

BIBLIOGRAFIA

1. ALBERONI, F. *O Erotismo*. Rio do Janeiro, Rocco, 1988.
2. _____. *A Amizade*. Rio do Janeiro, Rocco, 1989.
3. BEAUVOIR, S. *O Segundo Sexo*. Vol. 1, Rio do Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
4. BICUDO, M. A. V. *Sobre a Fenomenologia*. In: *Pesquisa Qualitativa em Educação: Um Enfoque Fenomenológico (apostila)*. II Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 1992.
5. CAVALCANTI, R. *O Casamento do Sol com a Lua*. São Paulo, Cultrix, 1990.
6. CHAUI, M. *Repressão Sexual - essa nossa (des)conhecida*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
7. DARTIGUES, A. *O que é Fenomenologia*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1973.
8. FORGHIERI, Y. C. (org.) *Fenomenologia e Psicologia*. São Paulo, Editores Associados e Cortez, 1984.
9. FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I - A Vontade de Saber*. Rio de Janeiro, Graal, 1977.
10. _____. *História da Sexualidade II - O Uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
11. GIORGI, A. *A Psicologia como Ciência Humana - Uma Abordagem de Base Fenomenológica*. São Paulo, Interlivros, 1978.
12. HARDING, M. E. *Os Mistérios da Mulher*. 2ª ed. São Paulo, Paulinas, 1985.
13. HEIDEGGER, M. *L' Etre et le Temps*. Paris, Gallimard, 1964.
14. _____. *Todos nós... Ninguém - Um Enfoque Fenomenológico do Social*. São Paulo, Moraes, 1981.
15. HUSSERL, E. *A Filosofia como Ciência do Rigor*. 2ª ed. Coimbra, Atlântica, 1945.
16. JOINSON, R. A. *SHE*. 2ª ed. São Paulo, Mercuryo, 1987.
17. KUNDERA, M. *A Insustentável Levesa do Ser*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

18. LANE, T. M. *O que é Psicologia Social?* São Paulo, Brasiliense, 1981.
19. LEPARGNEUR, H. *Antropologia do Prazer*. Campinas, Papirus, 1985.
20. MACHADO, O. V. M. O Fenômeno Situado. In: *Pesquisa Qualitativa em Educação: Um Enfoque Fenomenológico* (apostila). II Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores, 1992.
21. MARCUSE, H. *Eros e Civilização*. 4ª ed. Rio do Janeiro, Graal, 1969.
22. MARTINS, J. e BICUDO, M. A. V. *Estudos sobre Existencialismo, Fenomenologia e Educação*. São Paulo, Moraes, 1983.
23. SALEM, T. *O Velho e o Novo - Um Estudo de Papéis e Conflitos Familiares*. Petrópolis, Vozes, 1980.